

TÍTULO DO TRABALHO: **GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: UM
DEBATE TEÓRICO**

AUTORA: Maria Aparecida Resende Ottoni

INSTITUIÇÕES DE ORIGEM: Universidade de Brasília (UnB) e Escola de Educação
Básica da Universidade Federal de Uberlândia
(ESEBA/UFU)

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

cidottoni@gmail.com

cidottoni@hotmail.com

GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: UM DEBATE TEÓRICO

Maria Aparecida Resende Ottoni¹

RESUMO

As reflexões teóricas sobre a noção de gênero textual/discursivo têm sido ampliadas em vários campos de estudo e, como conseqüência, muitas confluências e divergências terminológicas têm sido produzidas. Em meio a essa diversidade, termos como: *gêneros*, *gêneros textuais*, *gêneros do discurso ou discursivos*, *tipo de texto ou textual* e *tipo de discurso* ora se entrelaçam, ora se estranham. Proponho-me, aqui, então, a apresentar o debate existente nessa área, ampliando-o e tentando auxiliar na compreensão dos gêneros e das implicações na análise dos mesmos a partir das diferentes abordagens.

TEXT/DISOURSE GENRES: A THEORETICAL DEBATE

ABSTRACT

The theoretical reflections on the *text/discourse genre* notion have been broaden in many fields of study and, consequently, a lot of terminological convergences and divergences have been produced by different researchers. In this diversity, one moment terms like: *genres*, *text genres*, *speech genres or discourse genres*, *type of text* and *types of genres* mix up, the next they oppose themselves. So, I propose, here, to present the current debate in this field, enlarging on it, trying to improve on comprehension of the genres and discussing the implications from the different approaches in the genres analysis.

1. Introdução

Neste trabalho, proponho-me a apresentar uma discussão teórica que possa contribuir para o debate sobre *gêneros textuais/discursivos*, o qual, no campo da lingüística, em especial, parece nunca ter estado tão atual, como hoje, no mundo acadêmico, independentemente do tipo de debate ao qual se circunscreva. Considero isso positivo, pois a tentativa de intelecção dos gêneros discursivos possibilita ao/à analista uma melhor identificação, organização e compreensão dos discursos analisados, uma vez que os gêneros estão relacionados ao funcionamento institucional de uma sociedade (Brandão, 2001: 20).

Como todo tema que, de certa forma, torna-se centro das atenções de diferentes pesquisadores/as, muitas confluências e divergências são produzidas e se mesclam em meio à diversidade de perspectivas teórico-metodológicas². Isso, sem dúvida, requer

¹ Doutoranda em Lingüística pela Universidade de Brasília (UnB) e professora da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA/UFU). Membro do Grupos de Estudos sobre Texto e Discurso (PETEDI), do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia.

² Não posso deixar de registrar, aqui, a minha satisfação ao ler, no caminho de volta de Santa Maria (RS) para minha casa, em Uberlândia (MG), o texto de Roxane Rojo no livro *Gêneros: teorias, métodos e debates*, lançado durante o III SIGET. Pude ver que este artigo, que eu apresentara no SIGET, aproximava-se muito da proposta da autora, e vi, ainda, o quanto o debate teórico no qual nos engajamos

atenção e reflexão de quem intenta fazer parte desse grupo para que não caia na armadilha de misturar ingredientes específicos de ‘uma torta salgada’, apenas acrescentando açúcar, para produzir uma torta doce, na ilusão de que a ‘marca do ser salgado ou doce reside apenas no uso do sal ou do açúcar’. Em outras palavras, é preciso ter uma visão geral do que tem sido veiculado acerca dos gêneros, explorar o que se considerar mais adequado ao estudo que se propõe e fazer determinadas escolhas. Estas, muitas vezes, nesse campo, dizem respeito a terminologias.

Atualmente, pode-se perceber que a noção de *gênero* tem-se tornado, cada vez mais, objeto de interesse e pesquisa no contexto escolar e acadêmico. Em função disso, o estudo dos gêneros de um modo geral, a descrição de gêneros, a discussão e a proposição de projetos pedagógicos para o ensino da leitura e da produção textual ancorados nos gêneros têm aflorado, com grande intensidade. E tais pesquisas, muitas vezes, adotam concepções teóricas e terminologias idênticas, e, em outras, diversas. Em meio a essa variedade de abordagens, termos como: *gêneros*, *gêneros de texto ou textuais*, *gêneros do/de discurso ou discursivos*, *tipo de texto ou textual* e *tipo de discurso* são usados por alguns/mas de forma bem distinta e, por outros/as, como ‘quase sinônimos’; ora esses termos se entrelaçam, ora se estranham. Da mesma forma, nesse debate, ainda, há flutuação na classificação, de modo que narrativo/narrativa, por vezes, é classificado como um *tipo* (Travaglia, no prelo), um *modo retórico* (Fairclough, trad., 2001); e, outras vezes, é entendido como um *pré-gênero* (Swales, 1990; Fairclough, 2003).

Nossa contribuição, aqui, então, caminhará no sentido de apresentar o debate existente, ampliando-o e tentando auxiliar na compreensão dos gêneros.

2. Os estudos sobre gêneros

Como expõe Brandão (2001:18-9), a noção de gênero vem sendo desde Platão e Aristóteles uma preocupação insistente. A partir do final dos anos 80, essa noção tomou o centro de um grande debate que tem possibilitado o surgimento de várias e fecundas abordagens teóricas, algumas transdisciplinares.

Pode-se dizer que, nas três últimas décadas, a ênfase dos estudos lingüísticos em desvendar uma relação entre linguagem e atividade social possibilitou a retomada da discussão iniciada pelos gregos em torno dos gêneros *textuais/discursivos*. Essa discussão tem percorrido um novo rumo desde a proposta de Bakhtin (trad., 2000) em considerar todos os enunciados orais ou escritos, que atendam a um propósito comunicativo, um *gênero do discurso*. Assim, não só os textos literários são agrupados em gêneros, mas todo e qualquer texto que apresente uma função sociocomunicativa dentro de uma sociedade.

Nas diversas pesquisas desenvolvidas sobre gênero, o conjunto dos escritos de Bakhtin e do seu círculo tem sido referência obrigatória para o reconhecimento dos gêneros e para a elaboração de quadros tipológicos. De acordo com Bakhtin (trad., 2000), três elementos essenciais e indissociáveis configuram um gênero do discurso: *conteúdo temático ou temas*, *estilo e construção composicional*. Todos eles são determinados pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados e sobretudo, para Bakhtin/Voloshinov (1929), pela *apreciação valorativa* do locutor a respeito do/s tema/s e do/s interlocutor/es de seu discurso. Essa abordagem teórica, que conduz a uma

tem se tornado cada vez mais pertinente. Indubitavelmente, as reflexões de Rojo são bem mais profundas e fundamentadas que as minhas e, por isso, considero fundamental a leitura de seu artigo pelos/as interessados/as nos estudos de gêneros.

nova perspectiva de tratamento de interações pela linguagem, é adotada em substituição à taxonomia tradicional, à trilogia clássica para os gêneros não-literários, conhecida e praticada na maioria das escolas e tratada na maioria dos livros didáticos: *narração, descrição e dissertação*. Como as teorias mais recentes têm mostrado, esta classificação não dá conta das diferentes práticas sociais, ou seja, não contempla os inúmeros gêneros, mas apenas modalidades ou formas de organizar as informações nos mais variados gêneros, que podem ocorrer, não raramente, de forma combinada.

Na trajetória percorrida pelos/as pesquisadores/as desse campo, pode-se perceber uma crescente preocupação e consideração das questões de gênero como imbricadas em redes de relações sociais, no marco ideológico de períodos históricos e culturais específicos. Nessa trajetória, encontramos os principais teóricos e estudiosos dessa área, cujas teorias de gênero e propostas têm fundamentado os diversos trabalhos que têm sido produzidos sobre essa temática. Dentre eles, pode-se citar: Bakhtin (trad., 2000), com sua teoria dialógica; o modelo³ sócio-retórico de Swales (1990), cuja teoria é voltada para o ensino da produção textual de gêneros acadêmicos, em especial o “paper”; o estudo das seqüências textuais de Adam (1987, 1992), cujo modelo é socioconstrutivista; Bernard Schneuwly, ao lado de Joaquim Dolz, Auguste Pasquier, Sylvie Haller e outros - pesquisadores do grupo de Genebra que vêm desenvolvendo estudos a respeito do ensino da escrita a partir dos gêneros; J. Martin (1997), que adota a perspectiva teleológica sobre gênero, segundo a qual o gênero estrutura-se em estágios e compreende um processo social orientado para um objetivo – por conseguinte, teleológico – organizado em estágios e realizado pelo gênero. Essa perspectiva enquadra-se numa visão sistêmico-funcional da linguagem; Bronckart (1999), que concebe os gêneros como estruturação de ações languageiras e adota uma perspectiva interacionista sociodiscursiva no estudo de gêneros; Fairclough (trad., 2001) e Chouliaraki e Fairclough (1999) – com teoria voltada para os gêneros publicitários; Bonini (2002), cuja abordagem situa-se no âmbito da Psicolinguística; Meurer & Motta-Roth (2002), cujos estudos adotam o pressuposto da Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional; Fairclough (2003), cuja contribuição fundamental refere-se ao estudo dos gêneros híbridos; Bazerman (trad., 2005), cuja perspectiva teórica é mais de natureza retórica e histórico-cultural, centrando-se sobretudo nas formas escritas; e Marcuschi (1999, 2001, 2002, 2003).

Dada a limitação de espaço para este artigo, não vou tratar de como cada pesquisador/a define gênero. Vou me ater a seguir, principalmente, à questão da diversidade terminológica nos estudos dos gêneros.

3. A questão das terminologias nos estudos dos gêneros

Dos/as pesquisadores/as que vêm trabalhando nessa área, selecionamos alguns/mas para ilustrar a terminologia empregada no tratamento do assunto. Primeiramente, vale destacar que, ao mesmo tempo em que a dimensão conceitual dos gêneros aparece como uma constante na obra de Bakhtin, - pois já na obra do círculo, desde 1926⁴, e em Bakhtin/Voloshinov, 1929, *Marxismo e filosofia da linguagem*, aparecem a idéia de uma releitura não-formalista do conceito de gênero - a terminologia

³ O termo “modelo” é uma opção terminológica por mim adotada aqui para representação do conjunto de conceitos e da visão adotados por alguns autores.

⁴ Voloshinov (1926).

é vista, por muitos/as, como flutuante⁵. Isso porque, penso eu, no início, não se havia decidido, ainda, a usar o termo do formalismo russo e da teoria literária: *gêneros*. Assim, eram utilizados termos como *formas de discurso(social)* e *formas de enunciação* ou *formas do enunciado*. Em Bakhtin/Voloshinov (1929), a palavra *gênero*, com o novo sentido com o qual o círculo bakhtiniano dotará o conceito, começa a ser usada (p. 43 da ed. brasileira). Nesta obra, o termo *gênero* é equacionado a *forma de discurso (social)*, *forma da enunciação*, e não a *forma de texto, de enunciado*.

Ainda sobre a diversidade terminológica, Brandão (2001:19) observa que muito se tem usado indistintamente os termos: *gêneros*, *tipos*, *modos*, *modalidades*, *organização textual*, *espécies de texto e de discursos*. Essa trepidação⁶, entendo eu, talvez se deva, em parte, à diversidade de campos do saber, voltados à questão do gênero, o que tem resultado em uma variedade de abordagens. Dentre as várias pesquisas voltadas para o estudo dos gêneros, encontramos teóricos que utilizam a nomenclatura “*gênero discursivo*”/“*gênero do/de discurso*”, “*gênero textual*”, ou simplesmente “*gênero*”; isso, muitas vezes, para se referir ao mesmo objeto de pesquisa, ou não. A terminologia da área, apesar das tentativas de unificar as reflexões, não só em face de sua longa história, mas também da grande diferença entre as abordagens, é bastante complexa.

Um exemplo dessa variedade terminológica aparece no artigo de Silva (1997: 79), publicado na revista Alfa. Ela inicia o seu resumo com a seguinte frase: “este artigo apresenta reflexões sobre os *gêneros do discurso e/ou tipos de texto*”⁷, defendendo a preferência dos linguistas pela expressão “*tipo de texto*”, pelo fato de o termo “*gênero*” estar tradicionalmente atrelado a estudos literários. Já Maingueneau (2001) propõe que, de uma forma mais ampla, os discursos estão divididos em *tipos*, que correspondem a setores da atividade social: *discurso religioso*, *discurso político*, *discurso publicitário*, *discurso didático etc.* Cada *tipo de discurso* comporta no seu interior diferentes *gêneros* de discursos, nos quais se encontram definidos seus próprios papéis e suas condições de leitura. Assim, um livro de matemática, uma aula, uma palestra, uma folha de exercícios são diferentes gêneros pertencentes ao mesmo tipo de discurso, o discurso didático.

Outro exemplo é a obra organizada por dois importantes pesquisadores dos gêneros no Brasil, Meurer & Motta-Roth (2002). Nela, por exemplo, há artigos cujos/as autores adotam o termo ‘*gênero textual*’, como os próprios organizadores, Meurer e Motta-Roth, Barros, Antunes, Fontanini, Pereira e Almeida, Meurer, C. E., Cristóvão, Pilar, Jorge e Herbele. Por outro lado, há também quem use apenas ‘*gênero*’, como Pinheiro; e, ainda, há dois artigos em que os autores, Hendges e Araújo, adotam o termo ‘*gênero discursivo*’. A predominância, como se pode ver, é de ‘*gênero textual*’.

Na obra de Bonini (2002), por outro lado, a terminologia empregada é somente ‘*gênero textual*’, cuja noção traz intrínseca à caracterização de determinado texto o ambiente social em que ele se forma e é utilizado, o modo de comunicação que preenche e o/s propósito/s que executa. Para esse autor, ‘*gênero textual*’ indica o texto como uma forma da linguagem configurada sócio-historicamente dentro de determinado ambiente social. O termo ‘*gênero textual*’ ainda é utilizado na maioria dos textos que compõem a obra organizada por Marcuschi & Xavier (2004).

Com relação à outra importante obra sobre o assunto, organizada por Pauliukonis & Gavazzi (2003), nela, Carneiro & Soares (2003: 62) adotam

⁵ Rojo (2005: 195) hipotetiza que “a obra bakhtiniana (pré-1953) não ‘flutua ou oscila’, mas encripta o acúmulo desses sintagmas equivalentes”.

⁶ Termo utilizado por Swales (1990:33 e 83), *trepidation*, ao se referir à noção de gênero discursivo, juntamente com outros, como: *fuzzy concept*, *loose term*.

⁷ Grifos meus.

simplesmente o termo ‘*gênero*’, o qual definem como um ‘*tipo de texto*’. Para eles, “Cada texto é a constituição individual e específica de um gênero” (*idem, ibidem*, p. 64). Nessa mesma obra, Almeida (2003: 76) já opta por usar ‘*gêneros de discurso*’. Estes, para Almeida, são reconhecidos e se legitimam com base nas funções que exercem enquanto *formas de interação*. Em outra obra brasileira, de grande relevância sobre esse tema, organizada por Dionísio, Machado e Bezerra (2002), os/as autores/as que contribuem para esse volume, por sua vez, consideram como equivalentes os termos ‘*gênero textual*’ e ‘*gênero discursivo*’ (p. 8).

Bazerman (trad., 2005), por outro lado, não faz distinção entre ‘*gênero textual*’ e ‘*gênero discursivo*’; ele usa simplesmente ‘*gêneros*’. Bazerman trabalha na perspectiva de gênero como ação social, observando as regularidades nas propriedades das situações recorrentes (dá atenção particular às intenções sociais nelas reconhecidas), que dão origem a recorrências na forma e no conteúdo do ato de comunicação.

Com relação a Marcuschi, ele adota a denominação *gêneros textuais* e sequer menciona o termo *gêneros discursivos*. Em seu artigo de 2002, ele apresenta definições importantes para esse debate, na tentativa de distinguir as noções de *tipo textual* e *gênero textual*. Segundo esse autor:

“(a) Usamos a expressão **tipo textual** para designar uma espécie de construção teórica definida pela *natureza lingüística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os **tipos textuais** abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

(b) Usamos a expressão **gênero textual** como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica(...) os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete(...)*” Marcuschi (2002: 22-23).

Essa diferença também havia sido destacada por Todorov (1980). A definição deste autor para *gênero e tipo textual*, em linhas gerais, é bastante semelhante à apresentada por Marcuschi.

Outra noção, também explicitada por Marcuschi (2002), é a de ‘*domínio discursivo*’. Segundo ele, nós usamos a expressão ‘*domínio discursivo*’ para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Do ponto de vista dos domínios, o autor explica que falamos em *discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, discurso didático etc.* Pode-se ver que, ao que Marcuschi chama de ‘*domínio discursivo*’, corresponde o que Maingueneau (2001) denomina ‘*tipos de discurso*’. Da mesma forma, a noção de ‘*domínio discursivo*’ é semelhante à de ‘*arquivo*’ utilizada por Maingueneau (1997).

Enfim, é fato que a diversidade terminológica existe e, às vezes, ela pode se mostrar confusa ao/à analista. Mas penso que mais importante que enumerar essa variedade é refletir sobre as conseqüências de se adotar determinada perspectiva teórica e metodológica no estudo e análise dos gêneros. Será indiferente adotar uma teoria de ‘*gênero de texto*’ ou uma de ‘*gênero do discurso*’ ao se trabalhar com gêneros?

Essa é uma questão de grande relevância e que não pode, simplesmente, ser desconsiderada. Por isso, a seguir, volto minha atenção para possíveis implicações disso.

4. Alguma implicação em se partir de teorias de *gênero de texto* ou de *discurso*?

Um ponto importante a ser analisado nesse debate diz respeito a possíveis diferenças na análise de um gênero partindo-se das concepções de '*gênero textual*' e de '*gênero discursivo*'. Será isso mera questão terminológica ou a escolha de uma ou outra perspectiva implica em diferentes análises e resultados?

Antes de, propriamente, tentar responder a essa questão, penso ser pertinente expor minha própria escolha. Particularmente, para o que tenho me proposto a fazer na pesquisa de doutorado, escolhi adotar a abordagem da teoria de '*gênero discursivo ou do discurso*' para estudar os gêneros discursivos do tipo humorístico. E essa opção, sem dúvida, tem as suas razões e conseqüências. Eu a fiz porque considero o conceito de '*gênero textual*' como implícito no de '*gênero do discurso/discursivo*' pois os gêneros são constituídos de textos, os quais não podem ser deslocados de seu funcionamento discursivo. Entendo, assim, que os '*gêneros discursivos*' estão sempre associados a determinada/s prática/s social/is e o texto é visto como se fosse uma janela para se examinar essa/s prática/s.

Um exame dos gêneros nessa perspectiva implica, a meu ver, partir de uma análise detalhada dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, especialmente, a finalidade do/a produtor/a e sua apreciação valorativa sobre seu/sua(s) interlocutor/a(es/s) e tema/s discursivos e, com base nessa análise, buscar as pistas lingüísticas que refletem no texto esses aspectos da situação. Objetiva-se, nesse sentido, uma descrição ligada sobretudo às maneiras de configurar os sentidos. Dessa forma, o/a analista pode chegar a certas regularidades do gênero devidas não às formas fixas da língua, mas às similaridades e regularidades das relações sociais em uma dada esfera de comunicação.

Ao contrário disso, entendo que uma análise de gêneros pautada na concepção e teorias de '*gênero textual*' vai centrar-se na descrição da composição e da materialidade lingüística dos textos no gênero. Nesse sentido, adota-se um estilo que pode ser considerado *bottom-up* de descrição exaustiva de textos para, só em seguida, relacioná-los aos aspectos da situação social. Pensando na prática docente, para exemplificar, penso que uma análise desse tipo assemelha-se bem às aulas voltadas para o ensino da gramática pela gramática, hoje ainda muito praticadas, porém, já bastante questionadas.

Enfim, partir de teorias de '*gênero de texto*' ou de '*gênero do discurso*' não se trata de mera questão terminológica. As implicações de se adotar uma ou outra perspectiva na análise dos gêneros são várias e precisam ser levadas em conta em qualquer pesquisa. Um ótimo exemplo dessas implicações nos é apresentado por Rojo (2005).

5. Considerações finais

Apesar de aqui se ter relacionado poucos/as pesquisadores/as e estudos sobre gêneros, dentre os vários existentes, considero que, por essa breve exposição, pode-se ter uma visão geral das abordagens sobre o gênero existentes e da diversidade terminológica encontrada nessa área. Enquanto um/a mesmo/a autor/a em determinada obra, às vezes, usa um termo e, em outra obra, outro termo, para se referir ao mesmo objeto, autores/as diferentes utilizam nomenclaturas idênticas para objetos distintos. Schneuwly, por exemplo, em 1994, utiliza a expressão '*tipos de textos*' e, em 1996 e 1998, juntamente com Dolz, usa o termo '*tipos discursivos*' para se referir ao mesmo objeto. Por outro lado, Adam (1992), por exemplo, utiliza a designação de '*seqüências*' para narrativa, descrição, argumentação, as quais constituem protótipos de que dispõem

os produtores e receptores de textos, ao passo que Koch e Fávero (1987) e Marcuschi (1999, 2002, 2003) denominam isso de ‘tipos de textos/textuais’ (narrativo, descritivo, argumentativo). Bakhtin, por sua vez, chama *narração, descrição*, etc. de ‘modos discursivos de organização textual’, e Fairclough (trad., 2001) chama de ‘modo retórico’. Para se referir a isso, Bronckart (1999) já usa o termo ‘tipos de discurso’. Swales (1990) e Fairclough (2003), por sua vez, denominam a narração/narrativa de **pré-gênero**.

Em meio a essa variedade, ainda, enquanto o discurso jurídico, discurso publicitário, discurso religioso, discurso político são considerados ‘tipos de discurso’ por Maingueneau, para Marcuschi (2002) eles são ‘domínios discursivos’. Por outro lado, para Magalhães (2003), ‘tipos de discurso’ tem outro sentido, é o mesmo que ‘gênero de discurso’ e engloba, por exemplo, entrevista de TV, consulta médica, relatórios. A isto, Koch e Fávero (1987) já chamam de “atualizações em situações de comunicação”. Além disso, diferente de Magalhães (2003), que considera ‘entrevista’ como ‘tipo de discurso’, Fairclough (2003) introduz uma nova distinção: ‘gênero desencaixado’ versus ‘gênero situado’. Para ele, a ‘entrevista’ é um ‘gênero desencaixado’ e a ‘entrevista etnográfica’, por exemplo, é um ‘gênero situado’.

Enfim, é possível ver que, sem dúvida, a diversidade é grande, e, na minha opinião, que não podemos considerá-la como algo negativo. Ao contrário, ela é o retrato de diferentes posições assumidas no universo científico, em conformidade com os objetivos de pesquisa e fundamentos teórico-metodológicos. Em meio a isso, ao desenvolvermos nossas pesquisas, o que nós, pesquisadores/as, devemos fazer é nossas escolhas, dizer de que lugar estamos falando e ser coerentes com isso, para evitar confusões terminológicas, teóricas e metodológicas. Eu penso que não se trata de uma terminologia ser melhor que a outra, mas, sim, de uma ser mais adequada, ou não, ao/s propósito/s de cada pesquisa. Como tentei mostrar, resultados diversos poderão ser obtidos por meio de uma análise com base nas teorias de ‘gêneros do discurso’ e nas de ‘gêneros textuais’. Portanto, é preciso refletir sobre o que realmente se quer investigar, o porquê e o para quê, a fim de se escolher a perspectiva de análise dos gêneros mais adequada à pesquisa que se propõe a fazer; afinal, um texto não pode pertencer a nenhum gênero, não pode ser sem um gênero. Todo texto participa em um ou vários gêneros, pois não há nenhum texto sem gêneros, como já defendia Derrida (1980).

Referências bibliográficas

- ADAM, J. M. Textualité et séquentialité – l'exemple de la description. *Langue Française*. Paris, n. 74, p. 51-72, maio, 1987.
- _____. Les textes: types et prototypes. Paris: Éditions Nathan, 1992.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de M. E. G. G. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M./Voloshinov, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1981 [1929].
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Ângela P. Dionísio, Judith C. Hoffnagel (orgs.); trad. e adaptação de Judith C. Hoffnagel; revisão técnica Ana R. Vieira et al. São Paulo: Cortez, 2005.
- BONINI, A. *Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos*. Florianópolis: Insular, 2002.
- BRANDÃO, H. N. (coord.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. v. 5. São Paulo: Cortez, 2001.

- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 1999.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- CHRISTIE, F. & MARTIN, J.R. *Genre and institutions*. Londres e Nova York: Continuum, 1997.
- DERRIDA, J. The law of genre. In: *Critical inquiry*. The Johns Hopkins University Press. Vol. 7, n. 8.1, Autum, 1980.
- DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. Genres et progression en expression orale et écrite. Eléments de réflexions à propôs d'une expérience romande. *Enjeux*: [s.n.], 1996, p. 31-49.
- _____. *Pour un enseignement de l'oral: initiation aux genres formels à l'école*. Issy-les-Moulineaux: ESF, 1998.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- _____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres e Nova York: Routledge, 2003.
- FLOWERDEW, J. The discursive construction of a world-class city. *Discourse & Society*. Londres: Sage, 15(5): 579-605, 2004.
- KOCH, I. G. V. & FÁVERO, L. L. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*. Uberlândia: EDUFU, 3 (1): 3-10, jun. 1987.
- MAGALHÃES, I. Interdiscursividade e identidade de gênero. In: I. Magalhães; M. C. Leal (Orgs.). *Discurso, gênero e educação*. Brasília: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003. p. 33-62.
- MAINGUENEAU, D. *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Analysis of an academic genre. *Discourse Studies*. Londres, Tousand Oaks, CA e Nova Delhi: Sage Publications, 4(3): 319-342, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. *Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais*. Recife: UFPE, 1999.
- _____. Gêneros discursivos & oralidade e escrita: o texto como objeto de ensino na base de gêneros. Recife: PG em Letras, UFPE, 2001, (mimeo).
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P. et. al. (orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- _____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. Recife: UFPE, 2003. material cedido pelo autor.
- MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARTIN, J. R. Analysing genre: functional parameters. In: F. Christie & J. R. Martin (Orgs.). *Genre and institutions*. Londres; Nova York: Continuum, 1997. p. 3-39.
- MEURER, J.L & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002.
- PAULIUKONIS, M.A.L. & GAVAZZI, S.(orgs.). *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- RODRIGUES, R. H. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso on line*. 4 (2), jan./jun., 2004. (Acessado em 10/08/2005, pelo endereço <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0402/08.htm>).

- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In: MEURER, J.L., BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos, debates.* São Paulo: Parábola, 2005, p. 184-207.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de texto: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In: Reuter, Y. (org.). Lês interactions lecture-écriture: actes du colloque de l'Université Charles-de-Gaulle III.* Trad. de Roxane H. R. Rojo. Bern: Peter Long, 2000 [original de 1994].
- SILVA, V.L. Paredes, forma e função dos gêneros de discurso. *Alfa*, São Paulo, 41 (número especial): 79-98, 1997.
- SWALES, J.M. *Genre analysis.* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TODOROV, T. *Os gêneros do discurso.* Trad. de Ana M. Leite. Lisboa: Edições 70, 1980.
- TRAVAGLIA, L. C. Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos. *Estudos Lingüísticos XXX.* Marília, SP: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo / Fundação de Ensino "Eurípedes Soares da Rocha, 2001:01-06 (Revista Publicada em CD-ROM: artigo 200).
- _____. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. *In: Bastos, N. M. O. B. (org.). Língua Portuguesa: uma visão em mosaico.* São Paulo: EDUC/PUC-SP, 2002:201-214.
- _____. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. *In: Fávero, L. L. et al (orgs.). Língua Portuguesa e ensino.* São Paulo: EDUC, (no prelo).
- VOLOSHINOV, V. N. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre poética sociológica). Trad. C. A. Faraco e C. Tezza. Circulação restrita. 1926.